

Hipertensão arterial na região Sudeste do Brasil: recortes epidemiológicos

RHAYSSA F A ROCHA, e JOAO V G FERREIRA

Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, MG, BRASIL -
Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, BRASIL.

INTRODUÇÃO: De fácil diagnóstico e com tratamento gratuito pelo Sistema Único de Saúde, a Hipertensão Arterial (HA) ainda apresenta subnotificação e baixas taxas de controle. Estima-se no Brasil que mais de um terço da população adulta apresente esta comorbidade, sendo, dentre as cinco regiões do país, a sudeste com maior porcentagem de afetados (35,5%). A HA é um dos maiores fatores de risco para doenças cardiovasculares e mata, anualmente, mais de 9,4 milhões de pessoas no mundo. **OBJETIVOS:** Identificar o perfil epidemiológico da HA na população da região sudeste do Brasil, entre os anos de 2002 a 2013, com recorte por estado, sexo, faixa etária, associação com a diabetes e a presença da complicação Infarto Agudo do Miocárdio (IAM). **METODOLOGIA:** Estudo observacional descritivo, realizado a partir da análise do banco de dados HIPERDIA/DATASUS para a região sudeste, do período entre janeiro de 2002 a abril de 2013. **RESULTADOS:** No comparativo entre os quatro estados da região sudeste, São Paulo (SP) é o que apresenta maior parcela de portadores da doença. Observou-se que o sexo feminino concentra maior prevalência, quando comparado ao masculino, em todos os estados. Em relação à faixa etária, com exceção ao estado do Espírito Santo (ES), a superioridade numérica de pacientes com HA está compreendida entre 55 a 59 anos. No ES, o intervalo etário referido está englobado entre 50 a 54 anos. A porcentagem de pacientes analisados que apresentam tanto HA quanto diabetes foi expressiva sendo, aproximadamente, de 26% no ES, 27% em Minas Gerais, 34% no Rio de Janeiro (RJ) e 41% em SP. Por fim, verificou-se a presença de (IAM) nos pacientes com HA nos estados citados e Minas Gerais exibiu a maior prevalência da intercorrência com 5,8%, seguida pelo RJ com 5,1%, ES com 5% e SP com 4,8%. **CONCLUSÃO:** Compreender o perfil epidemiológico da HA na região com maior prevalência dessa comorbidade no Brasil é fundamental, pois auxilia no fomento de campanhas de rastreamento, na promoção da educação em saúde para maior adesão ao tratamento e no estímulo à prevenção da doença.